



Pela derrota militar da coalizão imperialista no Iêmen!



Manifesto PPRI - 17 de janeiro de 2024

Na sexta-feira (12 de janeiro), EUA e Inglaterra deflagraram uma ofensiva com maciços ataques, com mísseis e bombardeios, contra objetivos militares do movimento Ansar Alá, os houthis, no Iêmen.

Contando com apoio dos governos e das forças armadas dos Países Baixos, Canadá, Austrália e Bahrein, a coalizão imperialista dos EUA e Reino Unido justificou seus ataques, afirmando que os houthis são uma organização terrorista, aliada do Irã, cujos ataques a navios no Mar Vermelho constituem um “perigo à liberdade de navegação”, e afetam uma rota marítima responsável por 20% do comércio mundial. De forma que, enquanto os houthis não recuarem e pararem seus ataques, o imperialismo continuará a bombardear esse setor da nação oprimida. Os porta-vozes da burguesia mundial repetiram essa justificativa, para não condenar um ataque que ignorou a ONU, e que pretende trucidar um país oprimido.

Apesar de todo o poderio militar norte-americano e de uma chuva de avançados mísseis e bombas de grande poder destrutivo, os porta-vozes imperialistas reconheceram que ainda ficou em pé 70% (ou mais) das capacidades militares dos houthis. Não por acaso, dos dias depois dos ataques, o movimento islâmico nacionalista atacou e incendiou um navio comercial norte-americano. Os EUA estão em meio à dificuldade de aprofundar uma guerra em que a vantagem circunstancial está com os houthis: grande parte de seu armamento está montado sobre estruturas de transporte móveis. Alvejar esses equipamentos requer realizar ataques massivos e contínuos, ou seja, investir milhões de dólares para destruir alguns equipamentos que não chegam às centenas de milhares de dólares; e que, também, contam a seu favor com a possibilidade de um levante massivo das massas e milícias nacionalistas islâmicas por todo Oriente Médio;

e também a intervenção do Irã no conflito - que já atacou bases estadunidenses ou pró-imperialistas na Síria, Iraque e Paquistão.

No dia 16/01/2024, se noticiou um ataque iraniano com dezenas de mísseis de cruzeiro, contra as posições de milícias pró-imperialistas no Iraque, alvejando e destruindo no ataque um local do Mossad (Agência de inteligência de Israel), no centro da capital Bagdá. Surpreendeu o fato de os iranianos terem tal capacidade militar sem temer que seus mísseis fossem abatidos. Por sua parte, o Irã justificou os ataques como resposta aos terroristas que organizaram um atentado a bomba no cemitério onde se celebrava um tributo ao general da Guarda Revolucionária, Soleiman, assassinado em um ataque de drone norte-americano no Iraque, em 2021.

A declaração de “guerra” dos houthis contra a coalizão imperialista indica que novos embates virão, desta vez se estendendo para

todo Oriente Médio. Os houthis já demonstraram serem capazes de resistir a uma invasão e a uma ofensiva militar de uma coalizão de países árabes. Não será com dezenas de bombas e mísseis que se modificará sua firme decisão de ajudar a luta palestina com todas as suas forças. E piora o quadro para o imperialismo, quando se observa que diante da campanha bélica contra o Iêmen, no momento em que as massas árabes na Jordânia, na Turquia, no Líbano e até no Iraque, e em países da África, começam a se mobilizar e bloquear vias de transporte e portos em solidariedade aos palestinos, longe de equacionar as tendências de luta das massas, as projetarão para a frente. São esses os sinais de um conflito bélico em larga escala e cuja particularidade é a de despertar uma crescente intervenção instintiva e radicalizada das massas árabes em luta contra a opressão e a ofensiva bélica do sionismo e do imperialismo.

Apesar da fraqueza e pequeno poder militar (se comparada com o imperialismo), os houthis têm afetado duramente o comércio e o mercado mundiais. Desde que o movimento iemenita começou seu “bloqueio” no Mar Vermelho, pelo menos uma dezena de barcos foram atingidos ou sequestrados. No começo, o alvo do movimento eram os transportes associados a Israel ou a propriedade de sionistas. Os houthis consideram esses ataques como um dever para com os palestinos e uma medida de “guerra” para os ajudar ativamente e o Hamas, em seu objetivo de frear a ofensiva sionista e infringir uma derrota militar e estratégica a Israel em Gaza.

O ataque imperialista e a declaração de guerra dos houthis constituem episódios da luta travada entre oprimidos e opressores, que agora se projeta desde Gaza para o restante do Oriente Médio. Essa compreensão é fundamental à vanguarda, para estabelecer uma clara posição de princípio e tática. O imperialismo tem a seu favor a paralisia e a subserviência de governos árabes aos ditames norte-ameri-

canos. Apesar de não concordarem em fazer parte da coalizão contra os houthis, as feudais-burguesias monárquicas árabes estão mais preocupadas em manter seus privilégios e acordos com o imperialismo, e acatar as pressões das burocracias russa e chinesa no sentido de não ir à guerra, ainda que seja à custa do sofrimento e do massacre dos palestinos, sírios e iemenitas. No Egito, Jordânia e Arábia Saudita, por exemplo, houve protestos massivos, e a população se manifestou abertamente a favor dos palestinos. Se se projetar o conflito regional, arrastando mais oprimidos à luta de classe e ao combate contra a agressão imperialista, inevitavelmente os governos poderão se deslocar para a posição de alvos da revolta das massas.

A decisão dos houthis de fazerem sacrifícios para ajudar a luta dos palestinos, pela sua libertação e pela derrota do sionismo, é uma amostra, melhor que milhares de palavras, do instinto e da solidariedade internacionalistas dos oprimidos contra os verdugos e opressores de povos. Não apenas se choca com a prostração dos governos árabes da região, como também deixa às claras a política contrarrevolucionária das burocracias chinesa e russa, que tudo fazem para evitar que seus aliados (Irã e Síria) intervenham militarmente no conflito. Procuram, deste modo, contrapor-se às pressões bélicas do imperialismo, na tentativa de que não avance sobre suas fronteiras. Temem, todavia, que uma revolta das massas árabes deflagre uma guerra que acabe empurrando-a a se chocar com o imperialismo e, com mais e mais guerras, ameace as bases econômicas (a propriedade estatizada) de sua fonte de ganhos e privilégios.

É preciso erguer um programa, definir os métodos e estabelecer as alianças que impulsionem a luta de classes contra os governos burgueses e a opressão imperialista. Fundamentalmente, trata-se de defender incondicionalmente a derrota do imperialismo e o apoio incondicional aos houthis, em seu objetivo de sangrar e derrotar o im-

perialismo e o sionismo. E, nos países capitalistas, traduzir essa defesa principista em atos concretos, como greves, ocupações de fábricas de armas e bloqueio de portos e aeroportos. Todo método que enfraqueça a maquinaria bélica e economias imperialistas deve ser imediatamente assumido e colocado em prática pelo proletariado mundial.

As tendências instintivamente revolucionárias das massas surgem por toda parte. Em qualquer conflito em que entram em choque as massas oprimidas e o imperialismo, e em qualquer guerra em que se chocam os países e povos oprimidos contra seus opressores, é dever da vanguarda e do proletariado se colocarem ao lado dos oprimidos e de suas organizações, pela derrota militar e política de seus opressores, sem nunca se subordinar à sua política e programa. Assim se abrirá uma via à penetração do programa da vanguarda com consciência de classe em defesa da estratégia proletária no seio das massas em luta, ajudando a dar passos objetivos na luta do proletariado pela revolução socialista. ●

Unificar as massas árabes em luta contra o imperialismo e seus vassalos sionistas e feudal-burguesia árabe subordinada aos EUA!

Defesa incondicional dos palestinos e houthis!

Impulsionar a luta de classes em cada país, paralisando a economia e a maquinaria bélica imperialista!

Assim o proletariado poderá avançar a luta de classes contra os verdugos e assassinos de povos e nações!